

Journal do Domingo.

REVISTA UNIVERSAL

DIRECTOR LITTERARIO—MANUEL PINHEIRO CHAGAS

ASSIGNATURA

PORTUGAL, ILHAS E ULTRAMAR

Anno ou 52 numeros..... 25500 réis
Semestre ou 26 numeros..... 12750 »
Trimestre ou 13 »..... 700 »
Avulso..... 60 »

— ANNO I—23 DE OUTUBRO DE 1881—N.º 36 —

GERENTE-PROPRIETARIO—AUGUSTO DE SAMPAYO GARRIDO

Lisboa—Travessa do Monte do Carmo, 38, 2.º

ASSIGNATURA

BRAZIL

Anno ou 52 numeros..... 75000 réis
Semestre ou 26 numeros..... 37500 »
Trimestre ou 13 »..... 25000 »
Avulso..... 200 »

SUMMARY

GRAVURAS:—Cantar para pedir pão; A caça aos cysnes bravos; A irmã da caridade e o engeitado; Um negro de Dahomey e um negro de Madagascar.

TEXTOS:—Actualidades, por Iriel; As nossas gravuras; Livros novos, por Pinheiro Chagas; Portugal velho, por Delfim d'Almeida; Horas d'ocio; Ciencia popularizada; Atravez da Siberia, por Victor Tissot e Constant Améro; Correspondencia.

ACTUALIDADES

Não me podes accusar de avareza se eu hoje te escrever uma carta bem curta.

o verdadeiro, não é com certeza de laconismo que tens o direito de accusar-me.

D'esta vez porém o caso é diferente. Primeiro, a semana foi esteril e arida. Desafio o mais fecundo

não convida muito á loquacidade e que mereço todas as desculpas se d'esta vez roubar alguma coisa aos direitos.

Porque se imaginas que vou consagrar á 1.ª re-



CANTAR PARA PEDIR PÃO.

Nas chronicas precedentes tenho quasi sempre excedido o espaço que lhes está de antemão reservado. Ou porque o assumpto sobeje, ou porque a penna, no seu proprio devaneio, se entregue ás vezes com demasiada complacencia ao prazer de traçar sobre o parquet velino um skating-rink tão caprichoso como

dos reporters a que me cite nos ultimos sete dias de corridos um acontecimento digno de menção n'esta chronica. Depois, eu d'esta vez descuidei-me: um pouco e deixei aproximar mais rapidamente do que desejava, o praso fatal em que devo apresentar o meu original á typographia. Bem vêes que tudo isto

apresentação do *Trovador* toda uma columna de prosa, estás perfeitamente enganado. Não é já pouco ouvi-lo todo o verão em realejos, todo o inverno em orchestras, para ainda por cima ter de o ouvir em chronicas! Affasto com um gesto de desdem do meu caminho esse macrobio musical, que não tem o pu-

dor da sua decrepitude obscena e se exhibe a todo o instante, com as mais comicas pretensões a ser escutado e amado.

E que triste noite essa! A plateia deserta, os camarotes vãos como bocejos! Quando voltarão as alegres e victoriosas noites do anno passado, os momentos de enthusiasmo, as aclamações, as explosões de *bravos*!

E esse mundo alegre, scintillante e doirado que enchia os camarotes com o variegado colorido das suas *toilettes* opulentas, onde estará também? Desappareceria da superficie da terra? Todas essas physionomias patricias, de linhas delicadas, de contornos aristocraticos que se está habituado a encontrar todas as noites n'aquella sala e cuja ausencia péssima mesmo áquelles que não tem a honra de as conhecer de perto e que só as consideram sob o restricto ponto de vista decorativo, — onde se acham também?

Eu bem o sei. E é justamente para junto d'ellas, para o ambiente que ellas perfumam com o aroma dos cabelos que as emolduram, que ellas illuminam com o reflexo das suas iris fulgurantes, que ellas poetisam com a magia que cae dos seus labios, senão em perolas, como nos contos de fadas, pelo menos em notas da sua voz primaveril, que eu vou immediatamente conduzir-te, ou, mais propriamente, reconduzir-te, porque ainda na semana anterior de lá chegámos,

Lembras-te da *matinée* a que assistimos?

Em seguida á *matinée* um outro espectáculo d'um genero bem diverso agrupou n'um recinto mais vasto o mesmo mundo perfumado e brilhante que vimos redopiar na sala do *Sporting Club*, nas espiraes nervosas d'uma walsa de Strauss, ligeiramente acalmada pela influencia pessoal do Macario.

Foi a tourada offerecida a S. M. a rainha pelo sr. Alfredo Anjos. A praça de Cascaes tem um aspecto realmente pouco confortavel. É rodeada completamente de camarotes, descobertos como os d'um circo gymnastico. O sol não os poupou toda a tarde, fazendo-se substituir quando se foi embora por um ventosinho cortante e agreste que roubava a todas as faces o colorido que o sol lhes dera. As trincheiras, feitas de pranchas, intervalladas, mostram-se perfeitamente dispostas a quebrar todas as pernas que por um leve descuido se prestarem a essa operação. As pernas pela sua parte mostraram um zelo inexcusavel em não se deixarem partir e creio que, apesar dos esforços da praça, nenhum desastre se realisou.

Parece impossivel como aquella fragil e provisoria construcção resistiu ao peso enorme que teve de supportar. Não havia um unico lugar devoluto. Os camarotes haviam sido distribuidos na razão de um para cada duas familias. Ainda assim, havia nas trincheiras um grande espaço á sombra, reservado para as senhoras, que não coubessem nos camarotes e convenientemente atapetado.

A corrida foi animada e interessante. A entrada dos cavalleiros teve alguma coisa de magestoso e de imponente. Eram oito. Caminhavam direitos e firmes na sella, segurando na mão direita os seus tri-cornes emplumados. O sol enchia de barras de luz o veludo das casacas bordadas, e os arreios fulgurantes dos cavallos, espalhando por todo o grupo não sei que heroico esplendor e que masculina poesia. Os cavallos, de fina raça e habilmente ensinados, obedeciam a todos os movimentos dos cavalleiros, e prestavam-se admiravelmente a todas as exigencias da cerimonia, que foi executada com a mais absoluta correção, por entre entusiasticos applausos.

No fim da tarde, já quando o sol desapparecera, o celebre edital que prohibiu as pegas foi violado por um corajoso e gentil rapaz, bem conhecido da nossa primeira sociedade e que se deixou cahir com o maior sangue frio entre as hastes d'um touro, sendo arrastado por elle até metade da arena, onde conseguiu dominar-o com o soccorro dos companheiros.

Este facto que se nos impõe como acto de rara bravura, embora o desaproveemos em principio, causou enthusiasmo indescriptivel. Espectadores e espectadoras confundiram as suas vozes na mesma aclamação e devia ser esplendido para quem estava na arena o espectáculo d'aquelles milhares de pessoas, erguidas no mesmo movimento de commoção e agitando com frenesi todo um turbilhão de lenços brancos!

No dia seguinte houve o baile no paço e a illuminação dos navios de guerra e do *Nautilus* na bahia. Era maravilhoso o effeito, na sombria noite que estava, sobre tudo quando a *Bartholomeu Dias* se incendiava em fogos de Bengala que se espelhavam no mar e que se prolongavam até a praia em barras multicolores,

A *matinée* a bordo da *Bartholomeu Dias* foi também uma deliciosa festa. O navio adornado magnificamente, juntava a todo o encanto da reunião, em si propria, o pittoresco inexcusavel da sua decoração.

Na proxima segunda feira deve realisar-se também um concerto promovido pela sr.^a condessa de Ficalho, a favor das creches. O concerto constará de parte instrumental, vocal, recitação, *tableaux-vivants* para os quaes se estão fazendo riquissimos, costumes. Depois do concerto, prepara-se o *pic-nic* offerecido pelos rapazes ás senhoras soiteiras, *pendant* natural da *matinée* do *Sporting*.

Vive-se em Cascaes como vês e em quanto o mez de outubro não terminar, contenta-te meu caro com as noites de tedio em S. Carlos e vae ouvindo *Troadores sem miserere* e *Africanas sem duo final* do 4.^o acto, e com dama desafinada, barytono doente e tenor rouco, como eu tive o prazer de escutar hontem.

A proposito, já venho um pouco tarde para te falar das *Fabulas de Lafontaine* editadas por Eduardo Garrido, traduzidas por homens de letras de Portugal e do Brazil e publicadas em edição esplendida, com gravuras de Gustavo Doré.

Toda a imprensa tem tocado em voita d'esta magnifica publicação, uma sonora fanfara, a que eu deojo juntar o pio do meu flautim hebdomadario.

Não sei se viste a edição franceza e se conheces as deliciosas fantasias de Gustavo Doré, que se revelou um fabulista tão notavel, como se revelara poeta eminente no *Inferno* do Dante, *humorista* encantador no *Pantagruel* de Rabelais, e historiador sagrado na maravilhosa illustração da Biblia,

Gustavo Doré fez mais alguma coisa do que illustrar Lafontaine. Collaborou com elle. E é por isso que a maior parte das fabulas, lidas á vista da sua interpretação artistica, adquiriram um relevo novo, uma energia de intenção que não possuíam.

Eu pertenço ao numero dos que tem de contrahir com o seu obulo para a traducção completa das fabulas e só a idéa de que em breve terei de cabecear sobre: — *Le chène et le roseau*, me perturba a ponto de concluir a chronica, que, de resto, sahio bem maior do que eu esperava.

IRIEL.

AS NOSSAS GRAVURAS

CANTAR PARA PEDIR PÃO — Aquelle grupo, que está ouvindo, commovido e interessado, os pobres pequenos que cantam, mal sabe que está sendo victima de uma exploração odiosa. Por detraz das tristes crianças está com a physionomia hypocrita um homem, que invoca a miseria dos pequeninos, para arrancar á caridade o pão que deve saciar a fome dos infantis cantores. Mas de manhã espancou-os para elles terem um aspecto mais doente e excitarem mais a compaixão do publico. Á noite vão deitar-se chorando e sem ceia, ou tendo comido apenas o indispensavel para terem ainda no dia seguinte pernas e voz!

Foi realmente bem escolhida a scena, e todas as figuras têm uma expressão característica e verdadeira.

A CAÇA AOS CYSNES BRAVOS. — Caçar o cysne, essa ave de que os poetas gregos e latinos tinham feito o emblema da belleza e da innocencia, e que, como diz Buffon, reina nas aguas por todos os titulos que podem fundar um imperio de paz!... É effectivamente difficil associar essa idéa cruel com a que formamos d'esse palmpede tão digno de interesse, e ácerca do qual vamos contar algumas particularidades antes de chegarmos á caça de que se trata.

Sabem, por exemplo, que o cysne pode servir de barometro? Quando mergulha até meio corpo, é signal de bom tempo; quando, pelo contrario, fustiga com as azas a superficie da agua, é signal de chuva.

O cysne, quando anda, perde a sua elegancia e a sua magestade, mas quando se vê n'um lago justifica a idéa que teve Jupiter de se metamorphosear em cysne. Nada com muita rapidez, voa também com muito vigor. Os seus costumes são brandos, só a defeza dos fillos e o ciúme o podem fazer sair do seu genio.

A ternura do cysne pelos fillos é notavel. Quando se approxima a incubação, que dura seis semanas, prepara um ninho n'algun sitio afastado da margem; forma-o de plantas aquaticas, deervas e de juncos, o macho e a fema prestam-se mutuo auxilio; a fema põe sete ou oito ovos. Os cysnes, ao sairem da casca, são cor de cinza; conservam essa cor ainda por muitos mezes. Ninguém se pode approximar impunemente de um ninho de cysnes quando os adultos estão tratando de alimentar a sua prole. Uma fema atacou e manteve em respeito uma rapoza que a nado conseguira chegar ao seu ninho.

É verdade que um cysne adulto tem força bastante para quebrar com uma aza a perna de um homem. Quando o perigo é grave, e a resistencia difficil, o cysne foge, levando um dos pequenos ás costas.

A carne do cysne está longe de ser boa, e a unica coisa que d'elle se aproveita são as penas e a penugem, mas não ha jardim que não acolha com prazer esse hospede que vem a ser um dos seus mais bellos ornamentos. Por isso os Hollandezes, com o seu admiravel instincto commercial, utilisaram os seus pavés e os seus canaes para crearem uma immensa quantidade de cysnes que exportam para toda a Europa.

Os antigos, como é sabido, suppunham que o cysne soltava um canto harmonioso na sua hora extrema. Esse facto foi esclarecido pela sciencia moderna. O cysne domestico é mudo, e a approximação da morte não pode de certo mudar a conformação da sua laringe; mas o cysne bravo tem os orgãos da voz

muito desenvolvidos e muitas vezes produzem sons tão meigos, tão penetrantes como as vibrações das harpas eólicas. Sem dúvida os Gregos tinham observado esse phenomeno, e, costumados à mudez dos seus cysnes, ouvindo os cysnes bravos, quando os caçavam, desprender da garganta harmoniosos sons, suppozeram que era a morte quem lh'os inspirava, quando era apenas a liberdade.

Os cysnes podem viver um século.

Essas aves gosavam outr'ora de grande consideração na Inglaterra; por um edito de Eduardo IV, só filhos de rei, ou proprietários de grandes feudos podiam ter cysnes. Outro edito castigava o roubo de ovos de cysne com prisão de anno e dia.

Um bando de cysnes bravos offerece um espectáculo admiravel, mas que só nos paizes do norte se pode gozar. «Estava uma vez, diz um escriptor britannico, sentado no meu quarto; era no condado de Hampshire e por um inverno rigorosissimo, quando senti de subito um bater de azas regular e um som bem distincto de vozes de passaros. Antes de eu poder chegar á minha janella, escureceu o meu quarto completamente.

Era uma enorme companhia de cysnes bravos que voavam em bando tão cerrado que os bicos d'uns pareciam ir cravados nos rabos dos que abriam a marcha. Contei pouco mais ou menos trinta; e era evidente que era apenas a vanguarda de um bando de mais de cem. Havia alli um pedaço de terreno que as aguas só escondiam por occasião das inundações. Foi ali que pararam as aves de passagem.

Com auxilio de um telescópio, pude seguir os seus movimentos a grande distancia, e examinal-os bem no momento em que procediam á sua toilette. Vi-os banhar o seu pescoço de neve, procurar com ardor o sustento, e adormecer, com a cabeça escondida debaixo da aza, enquanto outros do bando, como os barcos de ronda de uma esquadra, navegavam á roda d'elles para os proteger durante o somno.»

Chegamos agora ao assumpto da gravura. É sabido que o fogo exerce uma grande attracção, e excita uma grande curiosidade em muitos animaes. O cysne, e o conhecimento adquirido d'este facto foi que suggerio na America a idea do seguinte processo:

Colloca-se na extremidade de um barco um paravento illuminado fortemente com archotes pelo lado de fóra; do outro lado abrigam-se os caçadores imersos n'uma escuridão completa. Os cysnes, attrahidos pela claridade avançam em grande numero, vindo assim offerecer-se elles mesmos aos golpes que os esperam.

A IRMÃ DE CARIDADE E O ENGEITADO — Sim! é santo e é nobre o mister de irmã de caridade! Viver para suavisar as dores alheias, para ser a mãe de todas as crianças abandonadas, a filha piedosa de todos os velhos que definham na miséria, é realisar na terra a mais sublime de todas as missões! Mas não é ella superior á natureza humana, e não contraria as tendencias naturaes da mulher, que é toda amor, mas que precisa de concretisar esse sentimento n'um ente estremeado? Sim, essa irmã de caridade cumpre o mais santo de todos os deveres, acarinhando o engeitado, mas, se nunca foi mãe, quem lhe poderá ensinar as meigas palavras que consolam as crianças? Se resqueim o coração para d'elle arrancar todos os sentimentos humanos, como pôde encontrar n'elle ainda as fontes vivas de affecto em que se dessedentem as criancinhas? Irmãs de caridade não podem ser senão as que atravessaram a vida, as que experimentaram as suas dores e os seus jubilos, as que amaram e que padeceram; porque só a dor ensina a compai-

xão, só o amor ensina a amar, que é uma sciencia tambem.

UM NEGRO DE DAHOMEY E UMA NEGRA DE MADAGASCAR — Agora que a attenção da Europa civilizada se volta de novo para a Africa, são de verdadeira actualidade as gravuras que apresentamos. A falta de espaço não nos permite entrar em largos desenvolvimentos. Limitar-nos-hemos a dizer que o negro é subdito d'esse estranho reino de Dahomey, onde se usam ainda os sacrificios humanos, e onde, infelizmente para nós, está encravada a nossa possessão de S. João Baptista d'Adjá! A preta de Madagascar, essa, pertence a uma das raças pretas mais civilisaveis da Africa, nasceu n'essa formosa ilha de Madagascar, e pertence a uma raça aonde muitas vezes os pretos vão procurar quem os governe.

Em Madagascar não ha lei salica.

LIVROS NOVOS

Indianas e portuguezas, por Christovão Ayres — Segunda edição — I — Inauguramos admiravelmente esta nova secção, dando conta de um dos mais bellos livros de versos, que ultimamente se tem publicado. O talento de Christovão Ayres é incontestavelmente um dos mais brilhantes do nosso tempo e do nosso paiz. A geração a que pertence têm-se desfeito em versos, mas em poesia é que pôde dizer-se que são tambem muitos os chamados, poucos os eleitos. Na monotonia irritante dos declamadores sociaes em alexandrinos, destacam-se quatro ou cinco vultos verdadeiramente notaveis: Guerra Junqueiro, Gonçalves Crespo, Christovão Ayres, Macedo Papança, etc. Pôde escapar-me algum sem intenção. Accede-me agora aos bicos da penna o nome de Gomes Leal. Um successo de occasião, arrastou-o para um terreno que não é, que nunca poderá ser o seu, e essa presumpção de uma popularidade ephemera pôde turvar deveras o seu talento promettedor.

Concentremo-nos no nosso poeta, e concentremo-nos até na primeira parte do seu livro as *Indianas*. Christovão Ayres é um dos poetas que mais francamente realizam o meu ideal moderno. Tem as qualidades de aprimorada correcção que são caracteristicos dos *parnasianos*, e têm ao mesmo tempo as altas inspirações dos poetas da grande época do século. As suas *Indianas* são visivelmente as aladas irmãs das *Orientaes*. Brotaram deveras á luz ardentissima dos céus indostanicos, entre os languidos aromas dos magarins, e as emanções sensuaes d'esses gyneceus do Oriente, onde a mulher não vive senão para a voluptuosidade. As *Orientaes*, de Victor Hugo líbravam as suas azas na atmosphera do Oriente europeu, um Oriente secundario em que ha apenas um reflexo de immensa luz do sol asiatico. As *Indianas* essas nasceram deveras em pleno Oriente, no berço do sol, trazem as azas molhadas ainda com o orvalho das grandes auroras, não procuram de preferencia, como as orientaes de Hugo, os mirantes das mesquitas e as janellas dos serrallhos, não, doidejam francamente no seio da natureza, embebem-se em toda ella, roubam-lhe todos os seus effluvios, tem o pantheismo, a absorção completa da individualidade humana no seio fecundo da terra. A paisagem domina n'essa parte do livro, e sobretudo a paisagem material, toda iriada de luz resplandecente, de gorgeios de aves, e de perfumes embriagantes como são os que rescendem na caçola das flores, á hora em que o sol, rompendo abrazador, parece ir-lhes queimar nos calices o incenso, antes que venha a abelha

transformar o aroma em favo, a essencia dulcissima que a aragem da noite desentranhou do seio das rosas em mel perfumado que ellas vão distillar no seio das colmeias. As descrições da manhã são esplendidas n'este livro:

A luz vae descendo os plainos do poente,
e inda de estrellas mil a esteira luminosa
no transparente azul se esvae suavemente,
e já a flor, abrindo a pétala odorosa,
namora, saturando o perfumado ambiente,
a argentea luz que inunda a selva rumorosa.

Começará a manhã: da luz o curvo disco
perdera a pouco e pouco as suas formas bellas;
qual pastor que recolhe as rezes ao aprisco,
o sol ia colhendo as ultimas estrellas.

No Amanhecer ha uma intensidade de luz extraordinaria.

Andam, pelo areial, de ramo em ramo as gralhas,
nas flores vão poisar as grandes borboletas;
e a brahmane perfuma as longas tranças pretas,
emquanto o sol ateia as rubidas fornalhas;

D'aqui a nada o calor ao seu pensar estranho
trará aureas visões, miragens luminosas,
e ella, soltando ao vento as tranças setinosas,
irá gozar n'um lago as commoções de um banho.

Ha em todas estas poesias indianas um não sei quê de glorioso e de estridente como o clangor bellico das trombetas, tocando a alvorada; porque a sua India não é a India degenerada e escrava, que se estorce nas garras do fanatismo e nas algemas da servidão, é a *India mater*, como elle lhe chama, a terra maravilhosa onde alvoreceu a civilização da humanidade, a terra das auroras, o berço d'esses dois sóes que illuminam o mundo e a humanidade, o que resplandece no firmamento e o que resplandece na historia.

Por isso tambem o verso de Christovão Ayres se identifica tão bem com a velha poesia indiana, que o canticos dos canticos hindu, traduzido por elle, parece que foi no seu portuguez sonoro e mavioso que brotou pela primeira vez nos labios do poeta sensual, o Salomão indiano, que tambem tem a sua esposa dos cantares nas selvas, onde canta o bulbul, e onde rescendem as flores estranhas do Oriente. O verso branco escore-lhe perfumado como o sóro das palmeiras, cantante como o murmúrio das aguas na solidão das florestas.

No mar desponta a lua, e lenta sobe
ás amplidões dos céus, a haste balsamica
do divino cussah ergue-se airosa,
e as noctivagas brisas das montanhas
vem refrescar a terra.

Que murmúrio

passa nas floreas noites, tão de leve
que nem sequer perturba o brando somno
da pomba no seu ninho?

As minhas vestes virginaes, purissimas
será elle o primeiro a desatal-as,
e hei-de sentir vergar-me como um junco
nos seus robustos vigorosos braços.

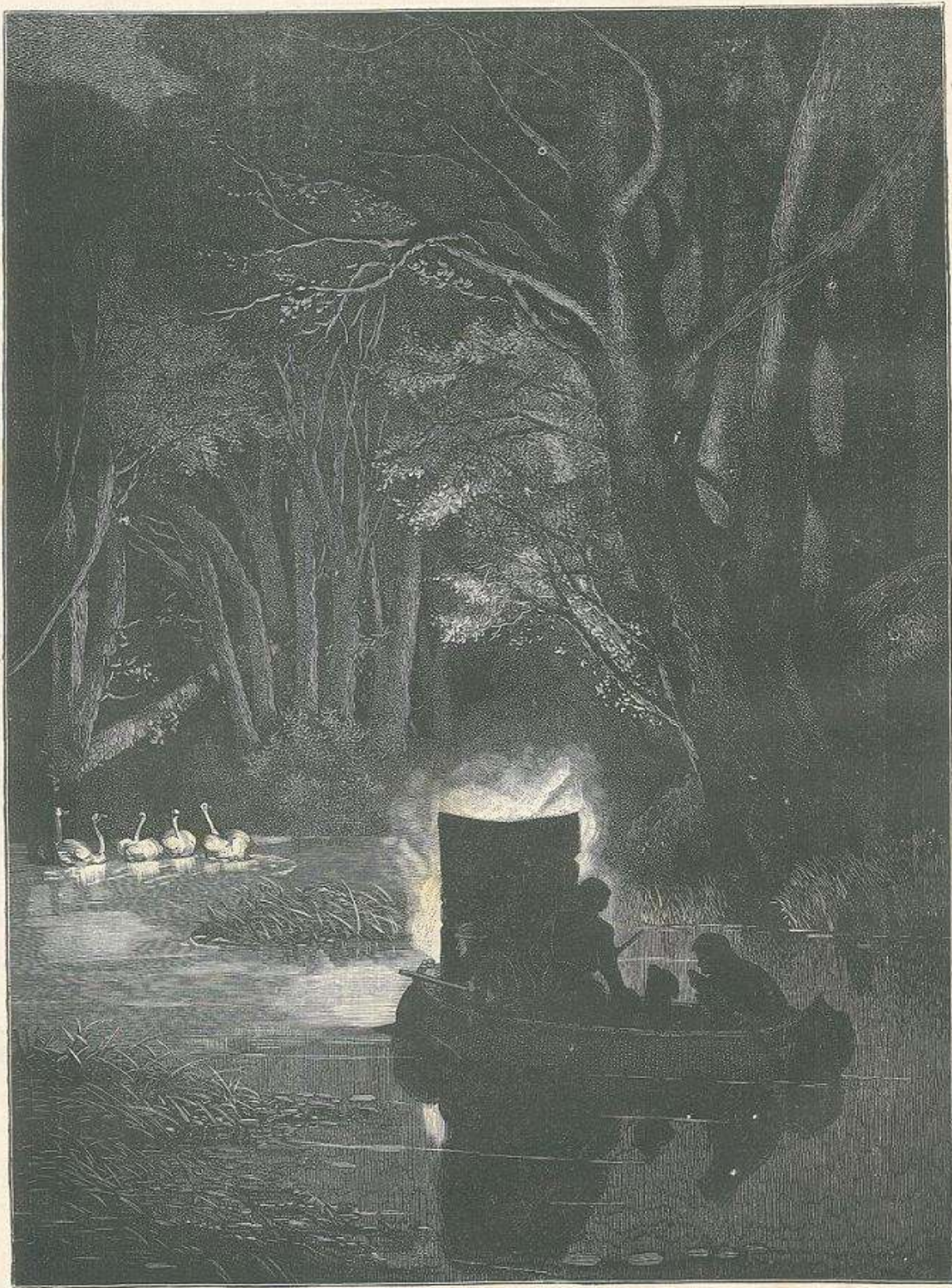
Como a Judia formosissima das *Melodias hebreas*, de Byron, a Nuvady do canticos dos canticos indiano *walks in beauty* nos versos de Christovão Ayres, de uma perfeição de forma realmente notabilissima. E devemos agradecer-lhe tambem o ter resuscitado este nosso verso branco tão melodioso e tão bello

a que devemos algumas das obras primas que enriquecem a nossa lingua, verso que não deve ceder completamente o passo ao alexandrino amplo, sonoro, magestoso, mas que muitas vezes se arrasta somnolentemente nas interminaveis paginas dos poetas

as conhece todas, e que sabe dedilhal-as como um verdadeiro mestre. Pela fôrma e pelo fundo as *Indianas* davam, só por si, um logar á parte a Chistovão Ayres no nosso Parnaso contemporaneo.

P. C.

A toda a nobreza, sem distincção de graduação, concedeu D. João III o privilegio de trazer gibões, barretes, carapuças, coifas pantufos e sapatos de seda, «contanto que nos gibões não trouxessem forro, nem barras, nem debruns, nem pestanas de seda».



A CAÇA AOS CYSNES BRAVOS.

modernos. Para este cantico oriental o verso solto é admiravel, desata-se por alli abaixo como as tranças luxuriantes e perfumadas da noiva, como a tunica resolta á hora dos mysterios suaves em mil caprichosas prégas. Bem fez Christovão Ayres em não ter quebrado essa corda á lyra portugueza, elle que

PORTUGAL VELHO

O LUXO

V

Passemos uma rapida vista d'olhos aos irajos masculinos do seulo XVI.

á excepção de um debrum direito pelos bocaes, dianteiras e cabeções, da largura de trez dedos.

Não deveriam ser as mangas dos gibões, segundo o texto da lei que temos á vista, «de mais comprimento que até ás pontas dos dedos e de largura, nos mogequis até ao cotovello, de seda e meia. E do

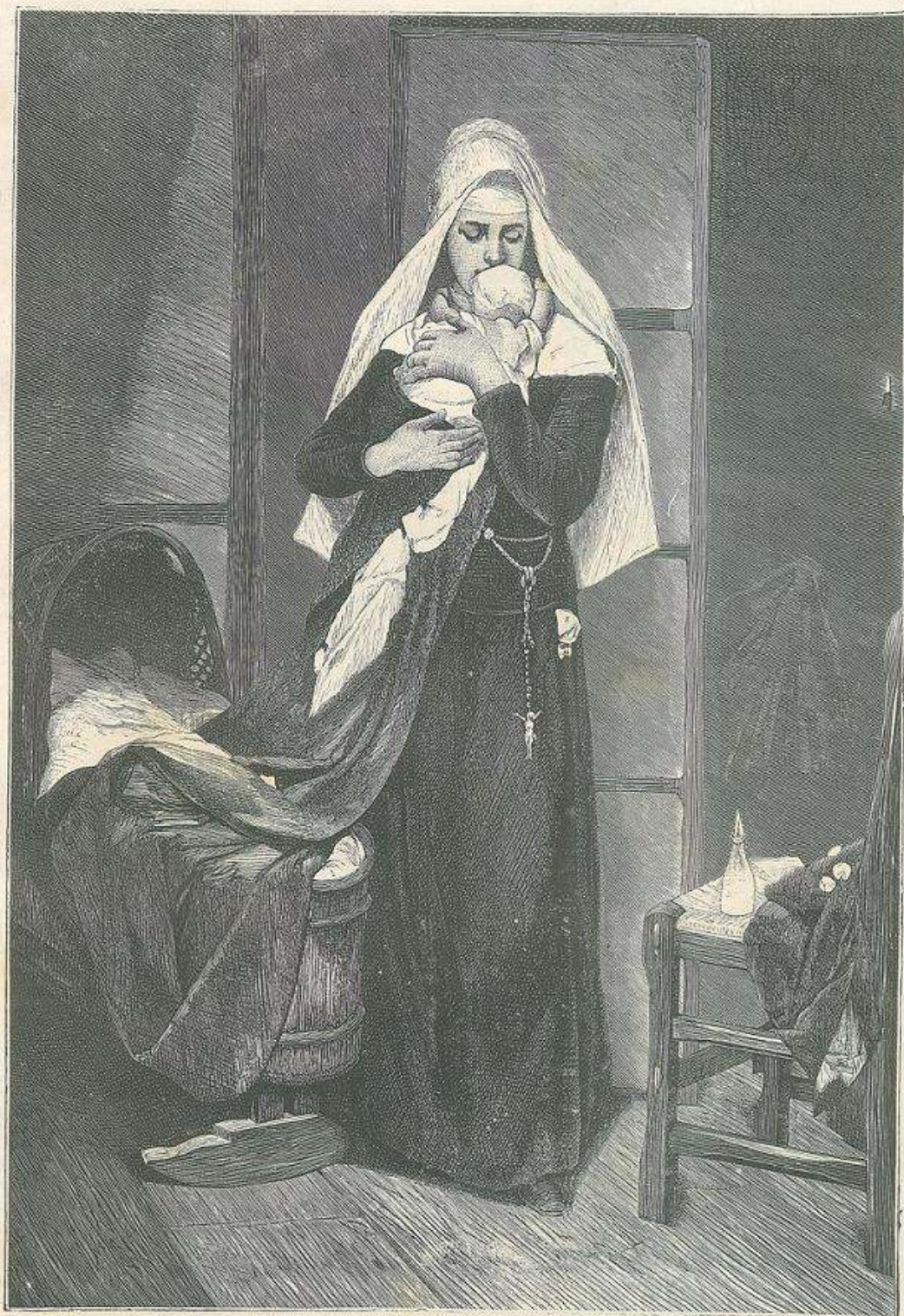
cotovello para baixo a poderiam trazer da largura da seda, contando que no bocal não fosse de mais largura que um *couto*.

Aos filhos dos nobres não era premitido o uso da seda nas peças de vestuario que ficam indicadas, sal-

canas, occupava-se tambem, com paternal sollicitude, do vestuario dos amados subditos, levando a sua santa pachorra a ponto de fazer uma lei especialmente e exclusivamente destinada ás calças dos sobre-ditos subditos. Talvez presentimento, palpito vago,

ra de quattros dedos. Permittiu-lhes ainda com a magnanimidade real, que podessem trazer forradas de seda as copas dos sombreiros, mas de modo que o forro não passasse fóra da copa mais de dois dedos.

Depois de haver estabelecido estas grandiosas dis-



A IRMÃ DE CARIDADE E O ENGETADO.

vo se fossem moços fidalgos de el-rei, da rainha, do principe ou infantes. Os pilotos e mestres de naus da carreira da India, mesmo que não fossem nobres, podiam vestir como a fidalguia.

El-rei D. Sebastião, ao mesmo tempo que resolvia na mente os vastos projectos de conquistas afri-

intuição das calças que lhe dariam, a elite em Africa.

Por um rasgo digno do seu animo generoso, premitiu este principe, que a fidalguia podesse trazer nos collares de quaesquer vestidos, nas dianteiras dos pelotes, bem como nos bocaes das muangas d'estes, guarnição de tafetá, que não passasse da largu-

posições para o sabio governo da republica, sua alteza descançou mais de um lustro, saindo-se, por fim, no anno do nascimento de 1566, no primeiro dia de abril, com a celebre lei das calças, a que já alludimos.

Declarava-se n'ella que ninguem de qualquer esta-

do ou condição, fosse tão ousado que trouxesse n'este reino e senhorios calças de rocas e imperiaes de seda, nem de panno. A severidade das penas contra os infractores da lei contra a importancia que se ligava a semelhante medida. No entanto, sua alteza, houve por bem adogar os seus rigores em beneficio da nobreza, permitindo a todos aquelles que pelas ordenações em rigor podessem usar gibão de seda, também usassem de calças da mesma fazenda, ou de panno, com golpes; na certeza, porém, que de modo nenhum seriam consentidas as rocas, nem barras, nem debruns, nem pespontos, nem passamanes, serrilhas e piquilhas, cordões, franjas, frocos, nem enchimento de algodão, ou qualquer outra coisa, mas sendo um forro de tafetá, por causa dos golpes que se permitiam.

Com o fim, talvez, de se não mostrar completamente leigo no officio de alfaiate, declarava el-rei, que para obstar a que a fazenda se desfilasse no sitio dos golpes, poderiam estes ser debruados com a maior singeleza, sem guarnição nem lavor. Mas se os senhores janotas preferiam ao simples debrum com passamane, antrochado, froco, espiguiha de seda ou retroz, lhe fosse permitido esse luxo, com tanto que nas referidas bugiarias se não misturasse fio de ouro ou prata.

Aos fidalgos que andassem na corte concedia-se por mercê especialissima, que podessem usar, «meias calças de retroz de agulha»: o mesmo a que hoje chamamos simplesmente «meia de seda», com a differença de não serem fabricadas em tear como actualmente, e de se empregar na sua estrutura um fio de torse particular, ainda hoje muito conhecido e usado em alguns trabalhos.

Arrependeu-se o monarcha d'esta sua generosidade com a fidalguia cortezã; parece que se deram abusos, traições, e que a lei das calças, lei de tanta magnitude para a segurança das instituições, foi escandalosamente sophismada, vilmente escarnecida. O soberano, pungido no intimo por semelhante desavato, ordenou, por alvara de 22 de novembro do mesmo anno, que d'ahi em diante nunca mais se fizessem calças de seda! Que se não façam nem tragam diz textualmente o diploma a que nos referimos; não façam nem tragam! tal era o panico de que o soberano se deixou possuir, que até suspeitou de que algum temerario se lembrasse de as vestir, ainda antes de as mandar fazer!

O forro de tafetá, até então benignamente concedido, foi proscripto, e tiveram igual sorte as meias calças de retroz. Mais ainda: para escarmiento dos rediciosos determinou o legislador que ninguém podesse trazer nem vestir calções e ceroulas de seda; nem calças de panno ou de couro que tinham feição de imperiaes.

De forma que se alguém se lembrasse de mandar fazer ceroulas para trazer à cabeça, estava prevenida a hypothese na lei, que punia com severidade tão barbara offensa aos bons costumes.

O mesmo senhor mandou, que nenhum homem podesse trazer luvas aromatisadas com ambar ou almiscar, nem coisa de perfume.

Concluiremos com o resumo da penalidade a que estavam sujeitos os infractores de tão sabias leis; penalidade que abrangia não só os que usavam das coisas boas, como também os que as faziam, e ainda os que as importassem do estrangeiro.

Se o infractor fosse peão ia logo para a cadeia, se não desse fiança, e pagava pela primeira vez dez cruzados, além de perder o objecto apreendido, sendo a metade das multas para o denunciante e a metade para o fisco; em seguida era degradado para a Afri-

ca por dois annos, e com o competente pregão na audiencia. Pela segunda vez soffria o mesmo castigo e mais a multa dobrada. Se fosse pessoa de maior qualidade nem por isso deixava de ser preso logo à primeira, nem de perder o objecto apreendido, nem também de se ir recrear para a Africa por dois annos; a só consolação que em taes casos tinha a nobreza era pagar maior multa do que a plebe. Dez mil réis pela primeira vez e cincoenta cruzados pela segunda.

Tinha igual castigo os que fizessem, vendessem, ou importassem objectos prohibidos.

A penalidade da lei das calças, sendo igual para a gente miuda, era um pouco mais aspera para a fidalguia, porque além da prisão e de debrado pagava também a multa de cincoentas cruzados pela primeira vez e cem pela segunda. O calceteiro, ou official, que cortasse, fizesse, concertasse ou tivesse em casa as excommungadas calças, além da prisão, multa e de debrado ainda tinha mais a achegasiha de pela primeira vez não poder usar do officio durante um anno, e pela segunda nunca mais poderia usal-o n'este reino, a não ser que tivesse alguma vez a fantasia de ir servir nas galés por dois annos, e pagar mais vinte cruzados.

Aos desembargadores do paço, escrivães da camara e outras autoridades, se recommendava que não recebessem petições de perdão em negocio de calças; e que se assim não procedessem sua alteza lh'o estranharia do mo'ço que julgasse melhor ao seu real serviço.

Aos alcaides e meirinhos se advertia que fossem diligentes em prender e accusar os infractores das pragmaticas, devendo ser suspenso do seu officio por seis mezes, e pagar dez cruzados para que o accusasse o escrivão que não fizesse em tempo o respectivo auto. Se o alcaide ou meirinho dissimulasse e não prendesse o culpado, pela primeira vez seria suspenso do officio por tempo de um anno, além de pagar vinte cruzados para quem o accusasse, e pela segunda pagaria a mesma multa, mas perderia o logar para sempre.

DELFIN DE ALMEIDA.

HORAS DE OCIO

Proverbio em estilhaços

zo — it — ão — oh — e — fa — on — ab — ng

JUPITER.

Pergunta indiscreta

Qual é a villa de Portugal que está sempre zombando?

OCIOSOS DE CAÇADORES 4.

Lexicologia

Escrever em algarismos um synonymo de *Polido*.

Nota. — Como houve pequenissimo intervallo entre a publicação do n.º 34 e a do n.º 36, daremos no n.º 37 juntamente as soluções do n.º 34 e as do n.º 35.

Pergunta philologica

Recebemos de Eurico a seguinte carta a que respondemos na correspondencia:

Sr. redactor.

Aqui ha muito tempo appareceu no *Jornal do Domingo* uma carta de um curioso, que desejava saber a origem de certos proverbios. Eu que estava também comas minhas coecegas de perguntador, quiz esperar, contudo, que algum benemerito satisfizesse a curiosidade do meu collega, e não quiz metter o meu bedelho, enquanto se não resolvesse o caso anterior. Esperei, esperei, abria todas as segundas-feiras ansiosamente o *Jornal do Domingo* e nada de resposta. As *cryptographias*, e os *metagrammas*, e as *lexicologias* — sempre sabe muito grego, sr. redactor! — encontravam logo quem as adivinhasse de pé para a mão, mas a respeito de peruntas philologicas... nada... E eu com a minha perguntinha atravessada na guella! Andava triste, sr. redactor, e quando o boticario aqui d'esta Carteira onde vivo me perguntava o motivo da minha melancholia, eu respondia-lhe invariavelmente que tinha um proverbio na garganta, o que era uma das peiores doenças conhecidas. O boticario abanava melancholicamente as orelhas, e prestava-se para me dar murros nas costas, ou aconselhava-me que engulis-se uma codea de pão mal mastigada. Protestei contra os murros, e neguei-me a usar da codea de pão, por não estar elle tão barato que se possa assim empregar em recalcir proverbios para o estomago. Mas o caso tornava-se grave, e, sr. redactor, tenha paciencia, mas eu deposito o proverbio!

Sei que as perguntas estão pendentes, e receio que esta fique igualmente pendente do prego do seu jornal, mas cá dentro é que eu a não guardo por mais tempo, senão vou para os anginhos com um proverbio atravessado, coisa que Sancho Pança, que está agora na Barataria do céu, me não perdôa, nem a mão de Deus Padre. Demais, sabe que nós temos, na nossa querida patria, uma coisa que se chama suscitar a observancia das leis, o que v. já chamou em tempo, com certa propriedade, *revaccinação administrativa*.

Revaccinemos nós as *Horas de Ocio*, suscitemos a observancia dos seus primeiros preceitos, que me não pareciam maus. Vamos a ver se este novo proverbio tira do limbo os que lá estão á espera de um salvador. Eu direi o que me atormenta:

Sabe v. que ha entre nós um proverbio, que diz da seguinte maneira: *Falla francez como uma vacca hespanhola*.

Sempre seisme com esta historia. Porque diabo é que as vaccas hespanholas hão-de fallar francez peor do que as inglezas, ou mesmo do que as francezas? Nunca percebi que as vaccas fallassem outra lingua que não fosse a lingua vacca. Intrigado com o proverbio já uma vez me cheguei ao pé de uma vacca portugueza, legitimamente nacional, e lhe perguntei d'esta maneira: *Comment vous portez-vous, madame?* E ella respondeu-me assim: *Bu...* Seria bom francez? Não me pareceu, mas não era melhor de certo do que o francez das vaccas de Hespanha que vem a Portugal para a engorda. Então porque diabo é que se dá a entender que as vaccas hespanholas não fallam bem francez, e que as outras manejam razoavelmente esse idioma? Eu, quando ellas fallam a sua lingua, já as não entendo, mas, se se mettem a fallar idiomas estrangeiros, então é que me vejo atrapalhado nas conversações que ás vezes travo com ellas, quando o meu sachristão, que é ao mesmo tempo meu cosinheiro, vai ordenhar a vacca ao pascal. O francez ainda eu arranho, e se a minha que é portugueza, como já disse, falla bem essa lingua, não está o caso mal parado; mas imagine que me vem para casa alguma vacca erudita, alguma vacca-Viale, que sabe grego, e que me falla na lingua de Homero? É uma vergonha para mim não me entender com ella.

Veja se algum dos seus leitores me tira d'estes apertos, e me explica esta philologia das vaccas, a mim que até agora não conhecia outra coisa senão o leite e a manteiga das sobreditas.

Desculpe v. esta nova massada; e accete os cumprimentos d'este seu servo.

Presbyterio de Carteira, 12 de novembro, da era de 1219 (anno de Christo, 1881).

EURICO.

SCIENCIA POPULARISADA

Exposição de electricidade em Paris

II

Quando dois corpos electrificados differentemente estão separados por um mau conductor, as duas electricidades tendendo a combinar-se, dissimulam-se. Effectivamente, podemos tocar n'um d'esses corpos, sem que elle perca a sua electricidade, que se chama então *dissimulada*. Mas se tocarmos nos dois corpos ao mesmo tempo, as duas electricidades combinar-se-hão immediatamente, e os dois corpos deixarão de estar electrificados. Todavia, cada vez que se toca n'um dos dois corpos, tira-se-lhe uma certa parte da sua electricidade, e, tocando successivamente nos dois grande numero de vezes, acabar-se-ha por se lhes tirar toda.

Chamam-se *condensadores* osapparelhos, que servem para accumular a electricidade dissimulada. Constan essencialmente de duas chapas metallicas separadas por um mau conductor, como, por exemplo, um pedaço de tafetá! Faz-se communicar a chapa superior com uma fonte de electricidade. Em virtude de decomposições e recomposições successivas, accumula-se nas chapas uma grande quantidade de electricidade dissimulada.

A *garrafa de Leyds* não é mais do que um condensador; dentro da garrafa existem folhas de metal; e a parte superior é revestida até uma certa altura de uma folha, tambem de metal. A abertura é fechada por uma rocha, atravez da qual passa uma parte de cobre, que se enterra nas folhas de metal existentes no interior. Quando se põe a extremidade da haste em contacto com a machina electrica em exercicio, a garrafa carrega-se de uma grande quantidade de electricidade. Como esta electricidade é dissimulada, a pessoa que tem a garrafa na mão, não experimenta commoção alguma, mas se essa mesma pessoa ou qualquer outra tocar na extremidade da haste, recebe um choque bastante grande, que se transmite instantaneamente a varias pessoas, que estiverem de mãos dadas.

Quando se unem muitas *garrafas de Leyds* por hastes de metal, forma-se uma *bateria electrica*. A descarga d'essa bateria, poderosamente carregada, produz uma commoção tão violenta, que pôde matar o animal mais robusto.

A *faisca electrica* só apparece quando dois fluidos electricos se combinam. Essa combinação manifesta-se, por exemplo, quando aproximamos o dedo do cylindro da machina electrica, em que se vê apparecer a *faisca*, tanto maior quanto mais carregada estiver a machina.

A electricidade representa um grande papel na natureza; é ella que produz o raio. Um relampago não é mais do que uma unica *faisca electrica*, produzida pela combinação das electricidades oppostas de duas nuvens, que se encontram. Esta identidade da electricidade e do raio é uma das mais bellas verdades da physica; é devida ao immortal Franklin, que d'ahi tirou immediatamente a descoberta do *pára-raios*.

O *pára-raios* consta simplesmente de uma haste de ferro terminada em ponta, que se fixa verticalmente ao longo de um edificio elevado, e que communica com o solo ou com a agua por um conductor, que geralmente é um cabo de fio de ferro, ou um varão continuo de ferro ligado ao sopé da haste. Quando se aproxima uma nuvem carregada de electricidade, o *pára-raios* é electrificado por influencia. A electricidade da mesma natureza, que a da nuvem é repellido para o solo, ao passo que a da na-

tureza contraria esgota-se continuamente pela ponta e neutralisa a electricidade livre da nuvem tempestuosa. Está demonstrado que a haste do *pára-raios* protege só o espaço comprehendido dentro de um circulo, cujo raio seja igual ao dobro do comprimento da mesma haste. Ora, não sendo conveniente que ella tenha mais de dez metros de altura, é facil calcular quantos *pára-raios* bastam para proteger qualquer edificio.

O celebre professor Galvani, tendo preparado algumas rans para estudos de anatomia, e tendo-as pendurado n'uma grade de ferro suspensas por ganchos de cobre, notou, que quando o vento impellia os animaes para a grade elles agitavam-se em violentas convulsões, como se ainda vissem. Vendo que o facto se repetia sempre que os animaes recentemente cortados eram collocados em circumstancias analogas, publicou a sua observação, dando-lhe porém uma explicação, que não é a verdadeira. Suppoz que existia um fluido electrico particular, que ia dos nervos para os musculos por intermedio do cobre e do ferro, metaes que serviam apenas para estabelecer a communicação entre os mesmos orgãos.

Volta não aceitou a explicação, attribuiu o phenomeno á electricidade desenvolvida pelo contacto de dois metaes, servindo a ran de conductor. As ideias de Volta são tambem falsas, pois não são precisos metaes differentes para a producção da electricidade; mas da sua theoria nasceu o invento das pilhas, chamando-se *galvanismo*, á parte da physica que trata dos trabalhos de electricidade derivados da experiencia de Galvani.

A pilha de Volta ou *pilha voltaica*, é constituida por discos eguaes de cobre e zinco soldados intimamente, e separados por discos de panno humedecido com agua acidulada. Os discos sobrepõem-se formando columna, e esta columna é equilibrada por trez outras de vidro fixas a bases circulares de madeira.

A cada um dos discos formados por dois metaes differentes chamou Volta *elemento* ou *par* da pilha. Hoje, porem, dá-se o nome de elemento ao conjunto da lamina de zinco de um disco com a de *cobre* do outro e o disco de panno intermedio. Se tocarmos nos dois extremos da pilha com dois dedos molhados, experimentaremos uma commoção, que differe da que nos causa a machina electrica, porque dura em quanto durar o contacto. Esta duração constante prova que a producção da electricidade é continua, que a pilha gera uma *corrente* continua de electricidade. Mas, para isso é necessario que as duas extremidades da pilha estejam unidas por um corpo conductor; se não estiverem, ficarão carregadas, uma de electricidade positiva, a outra de electricidade negativa. A corrente só se estabelece quando juntamos as duas extremidades chamadas *polos*, por meio d'um fio metalico que tem o nome de *reophoro*. Esta força originada pelo contacto de dois corpos differentes e que produz uma corrente electrica, recebeu a denominação de *força electro-quimica*.

O zinco de cada elemento toma o fluido positivo, e o liquido o negativo, que o cobre recebe pelo contrario. A pilha pode ter ambos os extremos isolados, ou ter só um isolado e outro em contacto com o solo. No ultimo caso, o extremo em contacto com o solo está no estado natural, e no resto da pilha ha electricidade positiva ou negativa, conforme o apparelho descansar no solo pelo cobre ou pelo zinco. No primeiro caso a parte media está no estado natural, e os extremos acham-se carregados de electricidades contrarias, que augmentam do centro para

os extremos. A metade, que termina pelo disco de zinco tem o fluido positivo; a que termina pelo cobre, tem o fluido negativo.

Depois da pilha de Volta foram construidas outras chamadas de *corrente constante*, como a de Daniell, de Bunsen, de Wollaston, de Grosec, etc. em que é sempre necessaria a presença de dois liquidos differentes.

A *pilha de Daniell* consta de um vaso de vidro contendo uma dissolução concentrada de sulfato de cobre, em que mergulha um cylindro d'este metal, crivado de buracos e ligado superiormente a uma gotteira ou canal, tambem furado, e onde se fizeram *crystaes* do mesmo sulfato. Dentro do cylindro de cobre ha um vaso de barro muito poroso, cheio d'agua acidulada com acido sulfurico, em que mergulha um cylindro de zinco. Aos dois metaes, cobre e zinco, prendem-se respectivamente duas laminas de cobre, que formam os *reophoros*. Como funciona a pilha? O zinco em presença do acido sulfurico decompõe a agua, forma o sulfato de zinco, electrizando-se o metal negativamente, e o liquido positivamente. O fluido positivodirige-se atravez do vaso poroso sobre o cobre, que é o polo positivo.

A *pilha de Bunsen* differe d'esta em ser o cylindro de cobre substituido por um prisma de carvão mergulhado em acido nitrico, que substitue a dissolução de sulfato de cobre.

A *pilha de Grosen* a mais energica de todas differe da de Bunsen em ter o prisma de carvão substituido por uma lamina de platina.

Os effeitos da electricidade *dynmica* ou electricidade em movimento podem ser *physiologicos*, *phísicos*, *químicos* e *mechanicos*.

O artigo seguinte, que será sem duvida, muito mais ameno e interessante, tratará dos effeitos da electricidade entre os quaes figura, como um dos mais notaveis, a luz electrica.

ATRAVEZ DA SIBERIA

AVENTURAS EXTRAORDINARIAS DE TRES FUGITIVOS

POR

Victor Tisot e Constant Amérol

(Continuado de pag. 280)

XX

Só depois de ter esgotado todos os meios de encontrar Ladislau é que Yegor conseguiu que Nadege, banhada em pranto, inconsolavel, se resolvesse a continuar a viagem.

Os dias, que se seguiram, foram tristissimos. Os fugitivos decidiram que deviam caminhar pela margem direita do Kolima. Ladislau tinha-se perdido não longe do rio, e sabia que a direcção dos viajantes era o norte para chegarem ao mar glacial. Se ainda visse, podia ver o fogo, que se acenderia quando se fizesse o acampamento, e que todas as noutes se alimentaria n'um lugar elevado.

Além d'estas razões, havia outras para que Yegor se não affastasse muito das margens do rio. As provisões trazidas nos trens tinham diminuido consideravelmente o trajecto forçado dos desertos de neve. Porem nas bordas do Kolima, entre os rios Bolchoy — Aniouy e Mali — Aniouy confluentes do primeiro, existem planicies postas ao abrigo dos ventos do norte por montanhas de grande elevação. A vegetação áahi incomparavelmente mais bella. Encontra-se a faia, o choupo, o salgueiro e o cedro; depois de se

ter atravessado a tundra gelada e nua, essas planícies são, porque assim digamos, os oásis d'aquellas solidões. As florestas, que tapetam os flancos das montanhas, são povoadas de rebanhos de rennas; os alces, as rapozas, os ursos brancos e pretos, vivem ali em grande numero. Yegor pensava que seria fácil matar alguns d'esses animaes, que lhe ministrariam viveres para muitos dias.

Rápidos como o relampago, os dois trens deslizarão novamente por sobre a extensão gelada, sem deixarem o minimo vestigio. Nadege com os olhos encarnados de chorar, com o coração opprimido, silencioso e triste, lembrava-se do seu querido Ladislau. Não podia crer que elle se tivesse perdido. Um presentimento intimo dizia-lhe que tivesse esperança, que ainda o tornaria a ver. O sr. Lafleur, tão garrido sempre, também ia callado. Abysmado nas suas reflexões, de cabeça baixa, mordendo os beiços procurava consolar-se do presente, meditando no futuro. Fazia planos, combinações. O seu espirito, com a velocidade da fiação electrica, passava de Yakutsk para os gelos do polo, ia do polo a Paris, á praça da Bastilha, illuminada por um bello sol, e de Paris transportava-o a Chateau-Thierry, á pequena casa,

Dirigido por Yegor, que não tirava os olhos da bussola, nem de uma pequena carta esboçada por elle no strog, tomando por modelo um mappa topographico, suspenso na parede, mandado fazer pelo esaul, em conformidade com as preciosas informações obtidas pela ronda, — Tekel guiou tão habilmente as nortas, que os fugitivos poderam seguir o caminho mais curto e menos arriscado.

Os cães emprestados pelo esaul em Sredne — Kolimske, faziam verdadeiros prodigios sob a direcção de Tekel e Chort. Os cães do norte da Siberia assimilham-se ao lobo: focinho comprido e ponteagudo; orelhas muito direitas, delgadas, e a cauda espessa e farta. O pello, n'alguns é liso; n'outros, é encrespado e tem malhas. No ladrar parecem-se com os lobos quando uivam.

Á frente de cada norta ficava o cão mais vivo, mais lesto, mais intelligente. Este não consentia que os mais indolentes e preguiçosos se afastassem do verdadeiro caminho para seguirem o rasto de outros animaes. Assim foi que uma vez a norta de Yegor começava a precipitar-se nas pegadas de uma rapoza, deixadas sobre a neve, os cães já uivavam com toda a força, e nada parecia capaz de os fazer parar,

precedidos de Wob, embrenharam-se cautelosamente no mato e nos abrolhos, tendo sempre o olho nas emboscadas, á procura de alguma caça. O yakute, com o instincto do selvagem, examinava as folhas para ver se encontrava vestigios da mordedura de gamos ou veados. Ás vezes parava, punha-se á escuta, fazendo signal a Yegor para que se conservasse immovel e callado.

Wob, na sua qualidade de cão intelligente e docil, ficava á espera, de orelha arrebitada, interrogando com os olhos o dono e o yakute. Tekel abaiçava-se de repente, esconde-se atrás de uma arvore, e fica immovel e acorçado na neve. É claro que espreitava algum animal. Yegor com a mão no gatilho da espingarda estava prompto para a primeira voz.

Passado um minuto, o yakute levanta-se e faz signal ao amo para que o siga. Desceram para o rio.

— Rastos de gamo? disse Yegor a meia voz, mostrando as pegadas no gelo.

Tekel sacudiu a cabeça.

— São alces, respondeu baixinho.

Yegor sabia que os alces, como os veados, formam sempre rebanhos de quinze e vinte, e esperava que



UM NEGRO DE DAHOMEY E UM NEGRO DE MADAGASCAR.

que herdára de seu tio materno. N'essa casa é que o sr. Lafleur devia fundar o museu, que teria o seu nome, e ao qual haviam de concorrer todos os verões, caravanas de visitantes, dando assim todo o lustre e desenvolvimento á cidade, que se ufanava de ser berço do grande fabrebita francez.

O antigo mestre de dansa tinha renunciado definitivamente á ideia de aproveitar a primeira occasião, que se lhe deparasse, de retroceder para sollicitar o seu perdão, e continuar a ensinar contradanças e polkas, ás filhas dos altos funcionarios siberianos. É verdade que ainda tinha a liquidar o seu armazem de modas, mas isso pouco era. Elle fazia de boa vontade o sacrificio. Como homem providente, o sr. Lafleur não guardava as suas economias n'um pé de meia, no fundo do armario, nem as confiava aos usurarios judeus do paiz. Duas vezes por anno remetia fundos para Paris, dirigidos a uma casa honrada e solida — a casa Vernes e C.^a

O sr. Lafleur, no tocante á vida material, estava isento de cuidados, e aproximava-se da idade, em que é lícito ao homem descansar e gozar do fructo do seu trabalho. Tinha ainda muito que andar para ver de novo Paris e Chateau-Thierry; mas, pela velocidade com que caminhavam, a distancia diminuía a olhos vistos.

Ao lado d'elle, Yermac, bem embrulhado nas suas pelles, tinha, na postura manhosa e meditabunda, alguma cousa dos animaes, cujos despojos lhe serviam de abrigo.

quando o cão que ia na frente, desviando-se para o lado opposto, principiou a ladrar como se tivesse visto algum animal mais digno de ser perseguido.

Tekel e Chort estimulavam os cães por meio de assobios e gritos particulares, a que os intelligentes quadrupedes se habituaram depressa. Guiavam á maneira da Siberia, sem fazerem uso do açoite. O açoite é substituído pelo «ostle», que é uma vara forte, de quatro pés de comprimento, ferrada na extremidade inferior, com a qual se castigam os cães preguiçosos ou desobedientes.

Os fugitivos nutriam os seus cães com uma grande provisão de peixe secco. A alimentação, que reservaram para si mesmos, não era mais agradável nem de melhor qualidade.

Quando os trens pararam n'aquelle dia, Tekel foi procurar um lugar idoneo para pernoitar. Voltou pouco depois, fazendo signal a Yegor para que avancasse. O lugar era perfeitamente abrigado. Abateram-se varios choupos para fazer uma cabana. Com algumas pelles de renna foi construido uma especie de «pologo» para Nadege, aquecendo-se o interior, por meio de uma lampada; o gelo do Kolima, quebrado e derretido, forneceu agua. A camada de gelo não era ainda muito espessa; tinha apenas dois pés de altura. Uma grande fogueira, alimentada por arvores cortadas para esse fim, tornava quente o acampamento. O importante, agora, era pôr ao lume alguma cousa solida e restauradora.

Yegor e Tekel pegaram nas suas espingardas e

elle e Tekel, apesar da agilidade e coragem d'aquelles animaes, conseguiriam matar, pelo menos, um.

(Continua).

CORRESPONDENCIA

Eurico. — Tem sobeja razão o nosso prezado correspondente, e temos sido os primeiros a lamentar o silencio obstinado dos nossos assignantes com relação a perguntas feitas por outros; bem sabemos que poderíamos nós mesmos procurar responder, mas isso tirava a essa secção o caracter que lhe queremos manter, e em que o nosso papel deve ser unicamente de intermediarios. Vamos a ver agora se a carta de Eurico effectivamente desperta algum espirito mais activo, e se, satisfeita a sua curiosidade, se lembra a alguém também de satisfazer a curiosidade dos outros. Apesar de não termos ainda encontrado o resultado que esperavamos, confiamos tanto no interesse d'essa secção que insistimos com ella. Ajude-nos Eurico, vamos a ver se encontramos mais alguns homens de boa vontade, e parece-nos que alguma coisa poderemos fazer, dando a esta secção de *Horas de Ocio* a sua utilidade e a sua importancia. Colloquemos ao lado dos simples jogos de espirito, que são um passatempo divertido, estes exercicios philologicos e historicos, que são um passatempo util. Eurico de certo não me perdoava se eu n'este momento deixasse ficar na gaveta o consagrado *Utile dulci*.